



Núcleo Museológico da Fotografia do Douro Superior. O milagre da prata

Arnaldo Duarte da Silva¹

Resumo: Neste artigo apresenta-se uma síntese do espólio fotográfico que integra o Núcleo Museológico da Fotografia do Douro Superior em Torre de Moncorvo, um projecto individual que salvou 117 mil registos fotográficos da sua inevitável destruição. Neste artigo, são apresentados cinco fotógrafos de excelência que fazem parte deste vasto e rico espólio. São eles Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior (1901-1990), José dos Santos Peixe (1917-2002), José Manuel Carva (1931- 1991), Horácio Brilhante Simões² (1910- 2011) e Francisco Manuel de Castro (1886-1963).

Introdução

O milagre da prata estava irremediavelmente perdido nestas terras transmontanas se Arnaldo Silva não fixasse os devidos interesses da preservação da fotografia no Douro Superior, Torre de Moncorvo. Em meados de 2003, houve fatores que em muito possibilitaram o esquecimento dos fotógrafos e, inevitavelmente, os seus registos. Mas um olhar com profundidade, foi o suficiente para, nos dias de hoje, nos sentirmos orgulhosos com o feito de termos contribuído para a preservação de 117.000 registos de imagens.

Se, por um lado, a salvaguarda do património era uma realidade ajustada à vontade de tanto querer, por outro, em 12 julho de 2009, o renascimento de tanta fixação nos saís de prata, tornou-se realidade através da inauguração do Núcleo Museológico da Fotografia do Douro Superior em Torre de Moncorvo. Cinco fotógrafos de excelência fazem parte do seu vasto e rico espólio. A todos eles a nossa singela homenagem, apresentando um olhar crítico aos seus olhares fotográficos com a postagem de algumas imagens de elevado valor histórico e cultural.

¹ Professor do 1º Ciclo. Fundador e proprietário do Núcleo Museológico da Fotografia do Douro Superior, situado em Torre de Moncorvo.

² Foto:ao lado de Horácio Brilhante Simões, um dos fotógrafos que é apresentado neste artigo. (Pastor, década de 1960, Torre de Moncorvo)



Fig. 1 Galanga, Angola
(Santos Júnior ao centro), década de 40

1. Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior (1901-1990)

As palavras que possamos registar de Santos Júnior, sem retoques e acabamentos manipulados, são as de teor técnico, pois era profundamente conhecedor do “metier” fotográfico. Nos pretéritos anos de 1920 e seguintes décadas, faz a recolha de imagens sobre a olaria do Felgar, a malha do cereal na Cardanha, os berrõezinhos do Castro de Sta. Luzia (Freixo de Espada à Cinta) e berrões

do Nordeste, entre centenas de feitos, estes registados na sua bibliografia editada em 1987.

Que aparelhos fotográficos ele utilizava e que leitura se pode fazer das suas imagens?

Pela análise aos registos fotográficos é quase certo que utilizava câmaras de mão, estas construídas em metal e com ferragens “nickelados”. Possuíam obturador para pose e instantâneo e contador automático. Podiam variar no formato das chapas de vidro e ou películas rígidas, com as medidas de 4,5x6, 6,5x9, 9x12 e 10x15. As mais comuns, estas observadas em arquivo pertencente ao Centro de Memória da Câmara Municipal de Torre de Moncorvo, são as do tipo 6,5x9 e 9x12. Como técnico apurado, tomava a sua bengala como medida aquando dos registos decampo. É muito provável que ele tivesse sido um cliente pioneiro da Casa Cândido Fernandes Passos, na rua da Fábrica, nº 24 a 43, Porto, ou ainda da Casa Magalhães & Carvalho, fundada em 1906. Não se conseguiu apurar se ele, Santos Júnior, tinha as restantes alfaías fotográficas para a revelação das fotografias.

Há uma certeza que enobrece um qualquer quando o resultado do que se vê, mais comumente chamada fotografia, é de elevada qualidade. Os seus registos, alguns com efeitos artísticos, atendendo ao adoçamento de linhas e de tons, outros com cuidadoso estudo atendendo às sombras e ainda outros com um fundo subordinado ao restante assunto, são de uma qualidade excelente, revelando um conhecimento profundo dos tipos de exposição, das aberturas e da profundidade de campo.

Santos Júnior também, tendo em consideração o protocolo que N.M.F.D.S. lavrou com a Câmara Municipal, faz parte do nosso espólio fotográfico.

As fotos escolhidas, exercício difícil perante uma escolha tão rica e diversificada, recaem na olaria, esta alicerçada na tipologia das formas e diferentes técnicas de fabrico, com predominância para a exaltação do Felgar, com a sua singularidade em terras transmontanas.



Fig. 2 Sta. Marinha de Oleiros (Vila Verde) - 1940



Fig. 3 Sta. Marinha de Oleiros (Vila Verde) - 1940



Fig. 6 Estação da Régua - 1940



Fig. 4 Pinela, Varge - 1940



Fig. 5 Felgar - 1949



Fig. 7 Bairro oleiro do Eirô, Felgar - 1939



Fig. 10 Zeca Peixe, Estúdio fotográfico (anos 60)

Página ao lado, em cima:
Apanha do cereal, Cardanha, Torre de Moncorvo, década de 60 (Fig. 8)

Página ao lado, em baixo:
Malha em Celorico de Bastos, 1968 (Fig. 9)

2. José dos Santos Peixe - O fotógrafo de estúdio (1917-2002)

Mais conhecido por Zeca Peixe, tinha o seu estúdio fotográfico na rua Tomás Ribeiro. Foi, com as certezas de um tempo, este o agente cristalizador das gente do Douro Superior.

Não temos dúvidas em afirmar que foi um exímio fotógrafo da região.

Antes de abordarmos as suas preferências fotográficas e respetivas leituras técnicas das imagens, há que recordar, mais uma vez, a façanha épica, pelo facto do seu vasto e rico espólio ser pertença do N.M.F.D.S. No ano de 2003, fomos contactados pelo seu filho, Alfredo Peixe, a fim de adquirirmos a máquina fotográfica de médio formato Peco, assente num grande tripé de marca Combo, tudo em elevado estado de conservação. Se a máquina fotográfica cativou, de imediato, o interesse, tendo sido adquirida na sequência, já o acervo fotográfico foi imediatamente questionado. Em questão de dias, este foi adquirido, pouco a pouco, umas vezes a troco de máquinas digitais



Fig. 11 Legenda: 1. Alcino Alves , C.P. - Moncorvo; 2. Clementina Isías, C.P. - Lagoaça; 3. Rogério Rodrigues, C.P. - Duas Igrejas; 4. Acácio Branquinho, C.P. - Pocinho; 5. Rui Filipe, C.P. - Felgar ; 6. Laurinda Augusta, C.P. - Felgar; 7. Josefina Amélia Cordeiro C.P; 8. José da Rocha Lapa, C.P; 9. José Augusto Teixeira, C.P; 10. Maria do Rosário Teixeira, C.P; 11. Judite dos Meneses, CP; 12. Laurinda das Graças Sá Dias, C.P.

e outras em valor monetário. O seu trabalho aborda, sobremaneira, os registos de estúdio. Sabia, atendendo à qualidade dos negativos e às alfaías fotográficas em estúdio, dominar a tão imprescindível iluminação. Por várias vezes, e em lugares distintos, encontrámos registos de correção de luz, para a sua repetição. O seu estúdio era simples e funcional. Uma máquina de médio formato, duas cabeças de luz, uma cadeira de verga e um fundo degradee. Lateralmente, o quarto escuro,



Fig. 12 Dança das Fitas, década de 40, Torre de Moncorvo

onde a fotografia nascia, ostentava uma bancada de mármore e ainda uma grande variedade de alfaías fotográficas e reagentes para a revelação e fixação.

Mas a qualidade do retrato, até porque ele acentuava os traços mais característicos do fotografado, era rotina artística. Evitava os contrastes violentos e pautava por uma gradação de luzes, dispondo, para isso, de uma conveniente iluminação. Raramente utilizava em estúdio estojos relâmpago, sem auxílio dos refletores e difusores. Na fotografia de grupo, organizava-os segundo a cartilha convencional: metade das pessoas sentadas e os restantes de pé por detrás das primeiras. Tomava também o cuidado para que nenhuma das pessoas estendesse as pernas, evitando o alongamento destas, no primeiro plano, de forma muito desagradável.

O retoque das chapas de vidro e das películas rígidas eram anediadas, fazendo desaparecer as desigualdades de luz, pincelando as manchas claras até as fazer confundir com as escuras. Utilizava o pupitre para a intervenção de retoque, com os seus pincéis molhados em Carmin.

Os clichés quando apresentavam minúsculos pontos negros eram eliminados com a raspadeira-retoque. As dobras das camisas, exercício dominante no retoque por Zeca Peixe, eram suavizadas, do lado da luz, com pinceladas de branco da china.



Fig. 13 Caçadores, Serra do Reboredo, década de 40, Torre de Moncorvo

Por debaixo das escadas, estas de serventia à entrada nascente, o ARQUIVO. Chapas de vidro, películas rígidas e o cheiro a decomposição da prata e humidade. Uma luta para não contribuímos, ainda mais, com o processo de destruição dos registos de décadas, sabendo que foram colocadas nos contentores milhares de caixas de negativos – um lamento. O passo seguinte, após a devida recolha e acondicionamento, um voltar aos tanques de revelação, a fim de lavar a sua grande maioria. O milagre da prata a renascer e a imagem a tomar vida, embora no primeiro patamar da conservação. Hoje, importante será dizer, após a lavagem cuidadosa para remover o processo de decomposição, consideramos as imagens bem fixadas por meio do brometo de prata. Toda a arte de Zeca Peixe vive e sobrevirá para sempre e o seu nome constará, inevitavelmente, para o leque dos homens que contribuíram para os registos culturais em Torre de Moncorvo, apesar de ter feito toda a sua vida negocial da fotografia.

Nas saídas para as aldeias, tinha por hábito fazer registos de procissões, romarias, pesca e caça. Raramente fotografava paisagens de grada qualidade artística. Desconhece-se se trabalhou, algumas vezes, para entidades públicas, mas, é mais do que certo, que o fazia aliado à vertente política, tendo, inclusivamente, fotografado o Dr. Mário Soares na sua habitação. Para a escolha de imagens, a mesma vai direcionada para fotos de estúdio, com registo em chapas de vidro, das décadas de 30 e 40 do século passado. As mesmas, implícitas à linha do Douro e Sabor, abordam os seus funcionários e familiares, contribuindo, desta forma tão modesta, para a homenagem de todos os que labutaram nos Caminhos de Ferro destas terras. Com a finalidade de ampliarmos ainda mais a sua obra, registamos dois grupos, nomeadamente os pertencentes à Dança das Fitas e aos caçadores na Serra do Reboredo.

Nas saídas para as aldeias, tinha por hábito fazer registos de procissões, romarias, pesca e caça. Raramente fotografava paisagens de grada qualidade artística. Desconhece-se se trabalhou, algumas vezes, para entidades públicas, mas, é mais do que certo, que o fazia aliado à vertente política, tendo, inclusivamente, fotografado o Dr. Mário Soares na sua habitação. Para a escolha de imagens, a mesma vai direcionada para fotos de estúdio, com registo em chapas de vidro, das décadas de 30 e 40 e 40 do século passado. As mesmas, implícitas à linha do Douro e Sabor, abordam os seus funcionários e familiares, contribuindo, desta forma tão modesta, para a homenagem de todos os que labutaram nos Caminhos de Ferro destas terras. Com a finalidade de ampliarmos ainda mais a sua obra, registamos dois grupos, nomeadamente os pertencentes à Dança das Fitas e aos caçadores na Serra do Reboredo.



Fig. 14 Ao lado: Estúdio Torre
(Esposa do fotógrafo)

Fig. 15 Em cima: Procissão de N.ª Sr.ª. do Amparo,
Felgar, 1977

3. José Manuel Carva – O fotógrafo escritor (1931- 1991)

Abriu o Estúdio Torre no Jardim Horácio de Sousa, Torre de Moncorvo, em 1976, vindo de África. Daí, trouxe um novo fôlego à arte de trabalhar a fotografia, com novas técnicas de registo, proporcionando fotos de grande qualidade.

A composição e o uso da iluminação tornaram a fotografia com o resultado de trabalho tablado em exposições de trabalho de estúdio. O jardim público era local de preferência, sabendo que tinha que proporcionar uma exposição mais longa do que a feita no seu estúdio, mas ganhando a luz difusa e indireta do Sol. Pela análise dos registos, efetuava prévias experiências de luz para encontrar os valores de obturação corretos. Ele entendia que um bom retrato não dependia somente da luz, exposição e revelação. Pensava mais amplo e, a exemplo observado, quando as particularidades do fotografado eram notáveis, segundo a fotografia normal, ele não

utilizava o retrato de frente, a fim de que uma determinada feição não se tornasse desagradável.

Até se dizia que de feio fazia bonito. Ainda se conta, que o mesmo pente servia para melhorar o aspeto dos despenteados, dizemos pouco asseados, já para não esquecer a famosa gravata.

E o exterior? Qual génio pintor realista! As procissões eram a sua motivação e lá estava munido da máquina e pum. Pum, com sabedoria. Também o seu segredo residia na singularidade do lugar escolhido e sempre com o desejo sentido de incluir na imagem o essencial. Cremos que teria uma razão clarificada para tirar uma boa fotografia. O encanto de uma paisagem ou um efeito de nuvens eram motivos de atração para cativar a atenção a um suposto cliente. Acreditamos que o seu grande jetivo, como escritor que lida com palavras sentidas, era o de eliminar inutilidades para conseguir uma satisfação total. Carva, sabia que o que fazia era naturalmente bom. A sua morte ditou o esquecimento dos seus registos, tendo sido depositados, qual seguimento do seu destino, na lixeira municipal no dia 2 de Agosto de 2013. Três dias na árdua tarefa de recolha, conseguimos a proeza de ter salvo um dos maiores tesouros de imagens de Torre de Moncorvo, estando ao alcance de todos no N.M.F.D.S., após a digitalização de todo o acervo. Ainda em vida, o Estúdio Torre era local de paragem para conversarmos com o Sr. Carva. Com objetivos bem precisos em relação a todo o seu espólio, tantas vezes ele foi informado que quando quisesse vender os registos, nós estávamos na primeira linha dos interessados. Tinha demasiada estima pelo seu trabalho, tendo categoricamente afirmado que não se desfazia deles. Quis o destino no-los atribuir a um clic de se desintegrarem na paisagem e no tempo.

Contudo, o seu ampliador Varioscop 60 foi-nos vendido por 40 contos. Caro para a alfaia, mas significativo para a história da fotografia em Torre de Moncorvo.

Para fazer jus à grandiosidade do fotógrafo, apresentamos nas páginas seguintes fotos das procissões de N. Sra. do Amparo, Felgar, e da Sra. da Piedade, Sequeiros, Torre de Moncorvo.



Fig. 16 Procissão de N.Sra. do Amparo, Felgar, 1977



Fig. 17 Procissão de N.Sra do Amparo, Felgar, 1977



Fig. 18 Procissão de N.Sra do Amparo, Felgar, 1977



Fig. 19 Procissão de N.Sra. do Amparo, Felgar, 1977



Fig. 20 Procissão da Sra. Da Piedade, Sequeiros, 1977



Fig. 21 Procissão da Sra. Da Piedade, Sequeiros, 1977



Fig. 22 Procissão da Sra. da Piedade, Sequeiros, 1977



Fig. 23 Procissão da Sra. da Piedade, Sequeiros, 1977



Fig. 24 Procissão da Sra. Da Piedade, Sequeiros, 1977



Fig. 25 Horácio Brilhante Simões na década de 1970

4. Horácio Brilhante Simões - A imagem com objetivos (1910- 2011)

Cristalizou as imagens atendendo à necessidade profissional, veterinário camarário, e às suas grandes paixões: o ensino, a etnografia e a arqueologia. Todo o seu rico e vasto espólio veio-nos parar às mãos de uma forma completamente inesperada. O seu filho Fernando achou por bem entregar-nos todos os filmes e registos do seu pai e, ainda, as máquinas de projetar e filmar. Foi na área do registo da imagem em movimento que mais se notabilizou. Os movimentos panorâmicos eram efetuados com grande estabilidade, fazendo rodar a máquina horizontalmente de uma forma lenta e acabando num plano fixo. Filmava no formato 8 mm clássico, mas com o aparecimento do super 8, pelo facto de suportar trações de pelo menos 2 Kg, tomou este tipo de filme na sua rotina de registo. Sempre atento às manifestações de interesse público, filmou a vinda de D. Abílio Vaz das Neves à Ferrominas, por inícios da década de 50, em Torre de Moncorvo, e em destaque a vinda da imagem peregrina de N.Sra. de Fátima em 1953.

Ele, Dr. Simões, homem preocupado com os métodos práticos de trabalho fotográfico, registou, com mestria e raro sentido de oportunidade, em praticamente todo o seu percurso de vida.

As incluídas no tema da paisagem, qual artífice a brunhir, olhava, pensava, enquadrava e fotografava. O grande segredo dos seus registos residem na simplicidade, na ausência de demasiados detalhes e no emprego mínimo de linhas. Estas particularidades proporcionam a harmonia e o equilíbrio da imagem, sendo fatores essenciais na definição do seu trabalho. Nos registos familiares, estes não obedecendo a critérios elaborados, perpetuam a simplicidade e os enquadramentos muito singulares, sempre com leituras para além do acessório, estas vertidas em paisagens plúmbias, pitorescas e históricas.

A nossa escolha de imagens recai sobre a sua família, a atividade como veterinário e professor e, ainda, outras de caráter etnográfico.

Fig. 26 Nesta página, em baixo:
Pastores na aldeia do Larinho, década de 60

Página ao lado, de cima para baixo:
Fig. 27 Familiares, década de 70
Fig. 28 Familiares, Mogadouro, década de 70
Fig. 29 N. Sra. de Fátima, 1953, Torre de Moncorvo
Fig. 30 N. Sra. de Fátima 1953, Torre de Moncorvo
Fig. 31 N. Sra. de Fátima, 1953, Torre de Moncorvo
Fig. 32 N. Sra. de Fátima 1953, Torre de Moncorvo
Fig. 33 N. Sra. de Fátima, 1953, Torre de Moncorvo
Fig. 34 N. Sra. de Fátima 1953, Torre de Moncorvo





Página ao lado:
Fig. 35 Idosas a fiar, aldeia de Mós, Torre de Foto Moncorvo, década de 1940

Nesta página, de cima para baixo:
Fig. 36 Alunos nas escadas laterais da Igreja Matriz de Torre de Moncorvo, década de 60
Fig. 37 Mocidade Portuguesa, década de 50, Torre de Moncorvo
Fig. 38 Alunos nas escadas laterais da Igreja Matriz de Torre de Moncorvo, década de 60

5. Francisco Manuel de Castro (1886-1963)

Do padre Castro há a registar os seus feitos fotográficos em Torre de Moncorvo e na província de Nampula, Moçambique. O seu acervo fotográfico foi-nos gentilmente cedido pelo seu sobrinho Antero Castro.

Os seus registos com a luminosidade e temperatura certas, a iluminação ideal e os contrastes apurados, quase velinos, sem filtros, nortearam a sua entrada na fotografia. O trabalho missionário acrescentou valor fotográfico da luz e à pose. Na exímia arte, entende-se ser muito disciplinar, não se observando movimentos desajustados, o que implica conhecimento da arte da fotografia. Pelos registos das quintas da Vilariça, acreditamos que o seu amor pela fotografia era o centro dos seus interesses. Era conhecedor das combinações de aberturas de diafragma e velocidade de obturação recomendadas nas tabelas, já então amplamente impressas e, sobremaneira, do registo, como prova de arte, história e divulgação cultural.

Acreditamos que dominava os tempos de exposição para exteriores, até porque só poderia estar munido de aparelho provido de objetivas duplas, atendendo à composição das suas fotografias, devendo obedecer ao estipulado nas regras clássicas de como se deve fotografar no exterior, julgando-se que deveria ter fotografado 2 horas e meia depois do nascer do Sol até 2 horas e meia antes do pôr do Sol. Como sempre, utilizava os registos fotográficos com o objetivo preciso do assunto principal ficar já imortalizado. A nossa escolha de imagens recai sobre os seus registos de missionário em Nampula, Moçambique. Pelo observado, é de projetar a ideia que as fotos onde ele está inserido foram tiradas por um aprendiz das missões.



Nesta página:
Fig. 39 Padre Castro

- Página ao lado, da esquerda para a direita e de cima para baixo:
- Fig. 40 Administrador de Angoche, Nicolau Calheiros, Moçambique, década de 30
 - Fig. 41 Missão de Malatâne, década de 30 em Moçambique
 - Fig. 42 Missão de Malatâne, 1920, em Moçambique
 - Fig. 43 Missão de Angoche, 1920, em Moçambique
 - Fig. 44 Órfeão no ano de 1926 na Igreja Matriz de Moçambique
 - Fig. 45 Missão de Malatâne, músicos em parada, 1926
 - Fig. 46 Reverendo Manuel de Castro com o Órfeão, 1931
 - Fig. 47 Missão de Angoche, no ano de 1932 em Moçambique





Considerações finais

Arnaldo Silva, proprietário do N.M.D.S., mais não tem feito do que reunir feitos fotográficos de todo o Douro Superior. Após um curso de fotografia em Zaragoza, Espanha, desde cedo se apaixonou pela fotografia, na vertente mais clássica do registo. Utiliza a luz natural como essência do retrato e a paisagem como inspiração campestre, sendo habitual os seus clichés em manifestações etnográficas.

Com o aparecimento da fotografia digital, corremos sérios riscos de um lapso de tempo sem imagem, pois deixou-se a impressão em papel e passou-se a um nível de pouca segurança no perpetuar dos registos.

Como entidade atenta, a Câmara de Torre de Moncorvo tudo tem feito nos apoios considerados úteis à preservação da fotografia antiga, ao qual pode servir de exemplo a nível autárquico. Já a de Carrazeda de Ansiães, pelo facto de tanto ter apostado nas memórias da sua região, merece a nossa maior estima e divulgação. A ambas, a força para que a aposta cultural seja uma vertente dinamizadora dos dois concelhos.



Fig. 48 (em cima) Órfeão da Missão, 1931

Fig. 49 (em baixo) Ao centro Padre Manuel de Castro, 1936

Bibliografia

- Barreto, António, Douro, Edições Inapa, 1993.
 Catálogo da Casa Candido Fernandes Passos, nº 4, Porto 1912.
 Catálogo da Casa Magalhães & Carvalho, nº 5, Porto, 1913.
 Como obter Boas Fotografias, Kodak, LTD, Lisboa, s/d.
 Echo Photographico, Setembro, nº 63, 1912.
 Glafkidés, P., Le Developpement des Papiers, Publications Photo-Cinema Paul Montel, 1969.
 Ilin, A História da Iluminação, Livraria Escolar Editora, Lisboa, 1912.
 Júnior, Joaquim Rodrigues dos Santos, Curriculum Vitae, Porto, 1987.
 Manual do Fotógrafo, Livraria Bertrand, Lisboa, s/d.
 Nicolau, Ricardo, Fotografia na Arte de Ferramenta a Paradigma, Público e Fundação de Serralves, 2006.
 Serén, Maria do Carmo, Fotografia no Douro: Arqueologia e Modernidade, Fundação Museu do Douro, 2006.

Abreviaturas:

N.M.D.S. – Núcleo Museológico da Fotografia do Douro Superior